

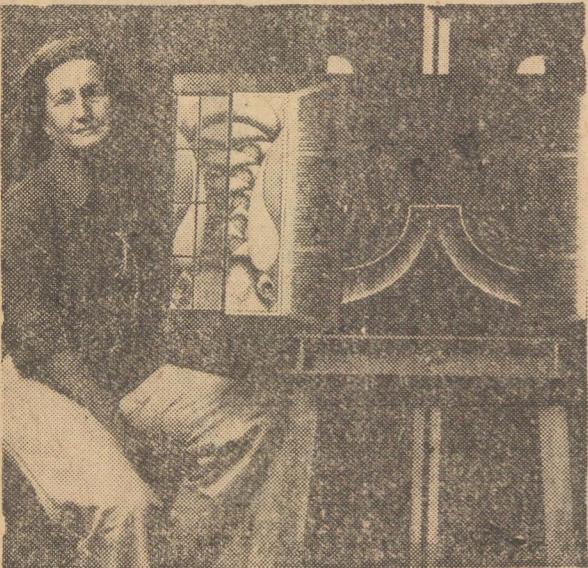
# ESCOLHA

A partir das 21 horas de amanhã, o conjunto "Nós 4", estará se apresentando no Ginásio do Sesc, abrindo a temporada do Projeto Artenova, que promete muitas atrações para as próximas semanas.

**DM**  
DIÁRIO DA MANHÃ

Ribeirão Preto, 03/12/1978

Entrevista com a pintora Odilla Mestriner. Em Seriáozinho. um Concerto da Sinfônica. Nas bancas, Reporter e Hoje TV: os três filmes de hoje.



Odilla: preocupações com a classe

Durante todo o mês passado Odilla Mestriner expôs no Teatro Cacilda Becker, de São Bernardo. Tanto lá como em São Paulo seu trabalho foi acolhido com respeito e atenção, justamente o contrário do que sempre recebeu por aqui. Mesmo ressentida, a artista não se deixa abater, e já fala em novas técnicas, novas fases e na luta pela conscientização da classe e pela regulamentação da profissão.

Odilla Mestriner não se considera feminista e nem gosta de ser chamada de a primeira dama das artes ribeirão-pretanas. Acha tudo isso cafoná. Aliás, ao longo de seus mais de vinte anos de trabalhos ininterruptos, sempre se afastou de rótulos. O que ela gosta mesmo de fazer é pintar e desenhar. E isso ela faz com talento e intensidade invejáveis. É uma artista nata, em tudo que faz ou vê. Quando não está pintando, está pensando em seu trabalho, buscando novas formas e soluções para seus quadros.

Durante todo o mês de novembro Odilla expôs em São Bernardo, à convite do Departamento de Cultura, no hall do Teatro Cacilda Becker. Esse período ela passou em São Paulo, onde descobriu um novo amor: a litografia (gravura a par-

toda a criação artística elaborada entre nós.

#### SIMETRIA: UM REFLEXO DA CIDADE

Em fins do século passado, seus avos imigrantes italianos, chegaram em Ribeirão e se instalaram na Fazenda Guatapará. Mas quando Odilla nasceu já moravam na cidade. Sua aproximação com a arte começou cedo, através de reproduções de rutas, pássaros e vores.

So em 1955, com a chegada de Domenico Lazzarini na cidade e com a posterior abertura da Escolinha de Arte é que Odilla desprendeu-se da pintura clássica. Lazzarini ficou por aqui dois anos, e nesse período transformou o futuro da artista.

— A vinda de Lazzarini para Ribeirão é um marco importantíssimo na minha vida e na minha carreira; ele desfez qualquer vestígio de academicismo nas minhas pinturas. Não com agressividade, mas indicando caminhos mais produtivos. Foi ele, por exemplo, que percebeu meu apego ao traço e me recomendou o desenho.

— Através da geometrização que a parceria circense permite, o homem está sempre colocado em confronto consigo mesmo, equilibrado entre as forças do Bem e do Mal, que regem a vida. Paralelamente a esta evolução conteudística sobreveio a evolução formal. As configurações a que Odilla Mestriner se lançava já não se enquadram nos moldes habituais das molduras. Peciam novas estruturas, novas dimensões. Uma dinâmica do espaço pictórico.

— Talvez isso seja um reflexo da cidade onde sempre vivi. Ribeirão é uma cidade retilínea, de quarteirões quase que sempre regulares. E o meu trabalho nada mais é que uma projeção da minha experiência interna, da minha alma. E se não fosse assim, não se-

taria arte, não seria nada.

Estes traços ordenadamente dispostos sempre configuravam construções arquitetônicas — casas. Casas que iam se anotando vazias, tristes.

Os 60 anos trouxeram as influências pop da arte americana e Odilla anexou a colagem direta em sua própria linguagem.

O homem só chegaria nos 70, integrado em seu habitat urbano, representando a humanidade. Logo depois vieram as procissões onde estes mesmos homens marchavam em busca de algo que ainda não possuíam, de uma liberdade, de uma reanimação. Após a fase do futebol, Odilla apaixonou-se pelo circo. Mas um circo todo especial, representado num clima cosmolítico, quase que onírico, certamente mágico, onde o homem se volta para o seu próprio interior. Era uma fase de introspecção.

— Através da geometrização que a parceria circense permite, o homem está sempre colocado em confronto consigo mesmo, equilibrado entre as forças do Bem e do Mal, que regem a vida. Paralelamente a esta evolução conteudística sobreveio a evolução formal. As configurações a que Odilla Mestriner se lançava já não se enquadram nos moldes habituais das molduras. Peciam novas estruturas, novas dimensões. Uma dinâmica do espaço pictórico.

— Essa irregularidade formal foi-se impondo à medida que o que tinha que ser dito pedia novas estruturas, novos espaços. E meus quadros passaram dos bem compor-

tados retângulo e quadrado para os triângulos, círculos e outras formas.

#### É TRABALHANDO QUE MANTENHO O MEU EQUILÍBRIO EMOCIONAL

Muito mais preocupada em reivindicar seus direitos e regularizar a profissão do artista plástico, Odilla não dispensa muita atenção ao feminismo. Inclusive, aborda o tema com certa retulância.

— Não vejo necessidade de reivindicações neste sentido, diz ela. Faço o meu trabalho, e nele coloco toda a minha energia. Se estou ultrapassando ou não o trabalho de outras pessoas — homens ou mulheres — isso não vem a caso. E se venho para incentivar e não para competir.

O papel do artista na sociedade, a consciência de classe, a conscientização do público e o que representa para ela o seu trabalho. Estes são temas que engolgam a artista:

«Gosto do que faço, gosto de trabalhar. E assim que mantendo o meu equilíbrio emocional. O papel do artista? Se integrar a seu tempo, produzir uma obra que reflita a sua época.

A receptividade de seu trabalho aqui na cidade é motivo para velhos ressentimentos. E é justamente isso que a tem fascinado em São Paulo: «Lá, o meu trabalho chegou primeiro, abriu as portas para que eu fosse depois. Justamente o inverso do que sempre aconteceu por aqui: o meu trabalho é aceito mais ao nível da amizade, por pessoas que me querem bem. E o mais incrível, é que o meu trabalho, toda a minha obra, é calcada



"Não será trancado neste atelier que meu trabalho atingirá as pessoas".

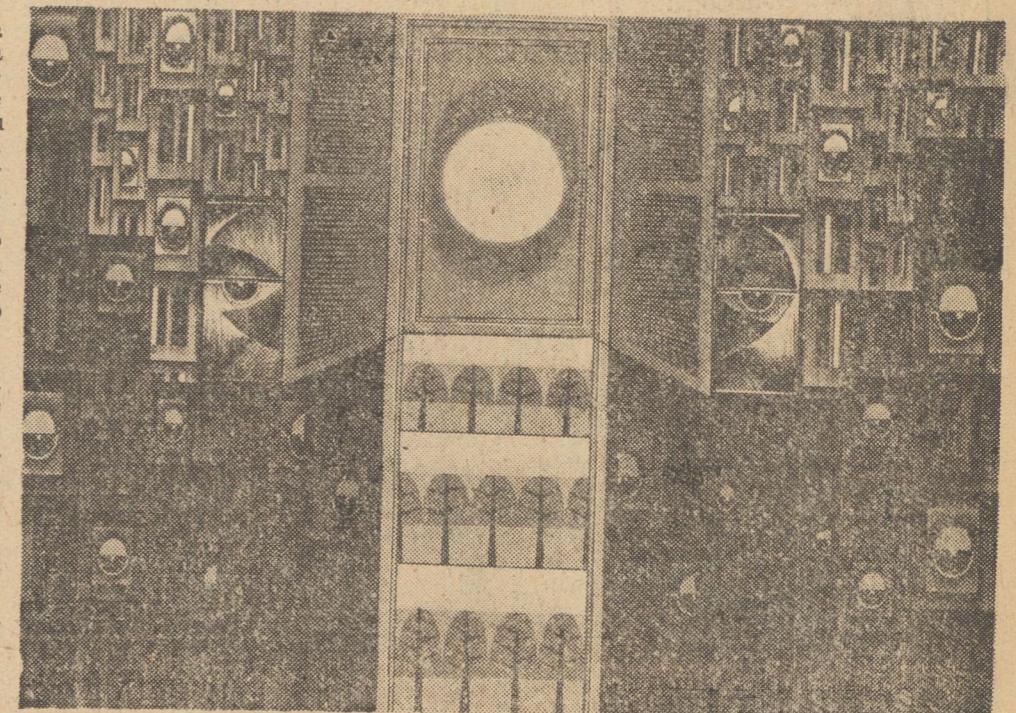
em passagens vividas alertada pelos pais, Odila aqui, em experiências rí- la foi se registrar no beirão-pretanas. INPS.

Há algumas semanas, — Afinal, nós, os ar-

tistas, também ficamos doentes, né? Envelhece- mos, essas coisas. Então, lá, fui eu. Sabe o que me disseram lá? Que a mi- nha profissão não existia, e que se eu quisesse que registrasse como costureira, lavadeira. Cê acha?

Por essas e outras é que Odilla Mestriner coloca a união e conscientização da classe sempre em primeiro lugar.

Depois que formos reconhecidos como profissionais é que podemos a começar a pleitear os nossos direitos. Nossa trabalho é a nossa mer- cadoria, e ela tem que ser colocada, tem que atingir as pessoas. E não era fechada aqui nesta sala que vamos conseguir isso.



"Fantástico Urbano", um desenho de 1977: nas urbs, pouco espaço para o homem e para a natureza.